

A HISTÓRIA LOCAL E O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO HISTÓRICO DOS JOVENS DO ENSINO MÉDIO

Helena Rosa Moitinho
Mestra em Educação pela UESB - Vitória da Conquista

Maria Cristina Dantas Pina
Doutora em Educação e professora da UESB - Vitória da Conquista

Resumo: A presente pesquisa discute o ensino de História no Ensino Médio, tomando como ponto de partida a história local e a importância do ensino de história para a formação social dos jovens. Objetiva analisar como os alunos, ao trabalhar com história local, constroem sentido, produzem relações históricas, ou seja: exercitam o pensar historicamente. O objeto é a construção do pensamento histórico nos jovens do Ensino Médio e a História Local. A investigação procura compreender como se dá o desenvolvimento do pensamento histórico nos jovens, problematizando a seguinte questão: Em que medida o ensino da História, partindo da história local, contribui para a construção do pensamento histórico dos alunos do Ensino Médio? Qual a relação desses alunos com a história local? O que eles pensam sobre o que sabem desta história? Apresenta o estudo da história local como uma estratégia para aproximar o conhecimento histórico da vida dos jovens. Fundamenta-se nos estudos da Educação Histórica, uma perspectiva que valoriza as experiências dos estudantes e suas interações com a aprendizagem de História, tomando como autores principais Isabel Barca, Peter Lee e Marlene Cainelli. Os resultados indicam que os jovens possuem uma boa relação com o estudo de história (46%), que o que sabem sobre a história local é fruto da cultura histórica elaborada pela comunidade (40,7%) e que uma parcela considerável dos jovens (13,3%), consegue demonstrar um pensamento histórico relativamente complexo, fazendo uma relação coerente entre passado presente e futuro.

Palavras-chave: Educação Histórica. História Local. Pensamento Histórico.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa discute o ensino de História no Ensino Médio, tomando como objeto o ensino da história local e o desenvolvimento do pensamento histórico nos jovens. Objetiva analisar como os alunos, ao trabalhar com história local, constroem sentido, produzem relações históricas, ou seja: exercitam o pensar historicamente.

Procura compreender como se dá o desenvolvimento do pensamento histórico nos jovens, problematizando a seguinte questão: Em que medida o ensino da História, partindo da história local, contribui para a construção do pensamento histórico dos alunos do Ensino Médio? E como desdobramento, quer saber: Qual a relação desses alunos com a história local? O que eles pensam sobre o que sabem dessa história?

IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E III SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA

EDUCAÇÃO E MULTICULTURALIDADE: SABERES E SENTIDOS



Apresenta o estudo da história local como uma estratégia para aproximar o conhecimento histórico da vida dos jovens, contribuindo assim para a construção do pensamento histórico e da valorização da disciplina de História no ensino médio. Fundamenta-se nos estudos da Educação Histórica, uma perspectiva que valoriza as experiências dos estudantes e suas interações com a aprendizagem de História, tomando como referências principais os estudos de Isabel Barca, Peter Lee e Marlene Cainelli.

Entende o livro didático como importante suporte para o ensino de história, mas sem ofuscar a ação do professor, que por sua vez, precisa transformar temas em problemáticas, contextualizando e interpretando diversos tipos de fontes, testemunhos, imagens e documentos do passado, ao tempo em que os alunos vão construindo competências e habilidades essenciais para sua formação, como a leitura, a interpretação, a análise de fontes históricas diversas, entre outras.

OBJETIVO GERAL

- Investigar como os alunos, ao trabalhar com história local, constroem sentido, produzem relações históricas, ou seja: exercitam o pensar historicamente.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Refletir como a abordagem da História Local, integrada ao currículo da História Nacional, pode favorecer o ensino da disciplina História;
- Resgatar a importância do estudo da História Local para a formação pessoal e coletiva do educando;
- Verificar possibilidades de favorecimento do ensino da disciplina História a partir da História Local e da preservação do patrimônio histórico-cultural presente tanto nos sítios arqueológicos quanto na memória do povo candibense.

METODOLOGIA

Usa a metodologia qualitativa numa abordagem crítica, partindo de princípios do “Método Histórico”, que conforme Rüsen permite a construção de conhecimentos, a partir de dados empíricos do passado numa análise lógica constituída de sentido plausível – aquele composto pela experiência, pela explicação, pelo significado e pelo sentido.

IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E III SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA

EDUCAÇÃO E MULTICULTURALIDADE: SABERES E SENTIDOS



A subjetividade permitida pela pesquisa qualitativa propicia um contato aprofundado com os indivíduos, no seu contexto natural e usa o espaço de vivência do sujeito, o local em que mora, estuda e trabalha. Ao mesmo tempo em que exige rigor, ela valoriza a criatividade do pesquisador ao sistematizar seus resultados. Aqui é importante salientar a necessidade de superar a visão subjetivista, na qual a linguagem toma o lugar da verdade, para evitar a legitimação de produtos do senso comum. Barca (2001, p. 19), alerta sobre este perigo e sugere que o pesquisador assuma uma postura de realismo crítico, em história seria o “objectivismo crítico, que reconhece padrões específicos para interpretação e explicação históricas validadas pela comunidade acadêmica”

A aula oficina foi um instrumento de coleta de dados, além de questionários exploratórios com aos alunos e o professor, sujeitos dessa pesquisa. A leitura e análise dos dados foram feitas a partir da análise de conteúdos na perspectiva Laurence Bardin.

Nas análises dos dados obtidos com os questionários exploratórios notamos o viés tradicional que permeia o ensino aprendizagem de história na escola, principalmente porque os alunos se reportavam aos conteúdos que estudaram nessa disciplina ressaltando os grandes acontecimentos da história geral como marcadores históricos da trajetória de estudos até então realizados. A história local aparece como a genealogia dos primeiros habitantes portugueses que pra cá vieram, cujo estudo aconteceu nas séries iniciais em projetos comemorativos das festividades de aniversário da cidade, norteados por uma concepção passiva da aprendizagem, reforçando “a percepção da história escolar como uma coleção de fatos e datas”.

REFERENCIAL TEÓRICO

Sabemos que para que o ensino aprendizagem de história seja significativo para alunos e professores, deve-se considerar a construção de um diálogo entre presente e passado, abrindo novos caminhos, estabelecendo possibilidades de análise do passado a partir de conteúdos que dizem respeito à vida de ambos. Isso implica ampliar a visão sobre os fatos históricos, compreendendo-os dentro de um contexto no qual o historiador tem grande responsabilidade sobre a construção do conhecimento sobre o passado. (SCHMIDT E CAINELLI, 2009). Ou seja, a história estuda a sociedade em um dado momento, para compreender mudanças e permanências, mas há sempre um recorte feito pelos historiadores, por não conseguirem abranger a totalidade dos fatos.

É claro que esse estudo não ocorre de forma espontânea ou aleatória, vez que é regido por um método, entretanto, os fatos não falam por si só, sendo permeados pela interpretação dos historiadores, que, como num quebra cabeças já montado, vai tirando peça por peça para

compreender por que estão assim colocadas. A aprendizagem histórica significativa se dá nesse processo de problematização do que está posto como história.

Percorrendo caminho similar ao que os historiadores percorrem no sentido da pesquisa, professores e alunos aprendem narrar o passado a partir de suas próprias vivências, podem compreender que a história é sempre uma interpretação metódica dos fatos e tem a possibilidade de compreendê-los de modo global: percebendo semelhanças e diferenças entre diferentes fontes, interpretando-as e reconstruindo conhecimentos que preencham as lacunas deixadas pelos conteúdos veiculados pelos livros didáticos ou pelos meios de comunicação de massa.

Lee (2011) escreve que saber alguma história é melhor do que nada saber sobre a história. Entretanto, a maior importância da história está no fato de ela possibilitar uma experiência vicária, ou seja, uma experiência que se aprende à proporção que se vive, instigando os alunos a levantarem hipóteses sobre os conteúdos estudados e desenvolvam narrativas que possam confirmar ou negar as hipóteses aventadas.

Sabendo algo sobre os variados jeitos de se estar no mundo enquanto ser humano, conhecendo as experiências dos homens em tempos e lugares diferentes, podemos agir com liberdade no presente. Lee, (2011, p. 39), enfatiza que —a experiência vicária a ser encontrada no ensino de história é libertária. Ela pode expandir nossa concepção do que o homem é capaz, mostrando-nos o que ele fez, pensou e foi, e como ele mudou. E acrescenta: —A experiência vicária, que é adquirida no ensino de história, estimula a imaginação e expande a concepção do educando do que é ser humano e, assim, do que ele ou ela é ou pode vir a ser (Idem).

RESULTDOS E DISCUSSÕES

Nos resultados observamos que os jovens possuem uma boa relação com o estudo de história (46%) e que o que sabem sobre a história local é fruto da cultura histórica elaborada pela comunidade, divulgada especialmente nos tradicionais estudos feitos durante as datas comemorativas por ocasião do aniversário da cidade (40,7%). Notamos que uma parcela considerável dos jovens (13,3%), consegue demonstrar um pensamento histórico relativamente complexo, fazendo uma relação coerente entre passado presente e futuro. Constatamos ainda que esses jovens reagem positivamente quando são provocados a problematizar os conteúdos históricos, e que é nesse embate dialógico promovido pela análise de fontes históricas variadas que se desenvolve o pensamento histórico.

IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E III SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA

EDUCAÇÃO E MULTICULTURALIDADE: SABERES E SENTIDOS



Reitera-se o fato de que os alunos reagiram positivamente ao serem provocados a pensarem historicamente, ainda que demonstrassem dificuldades em elaborar pensamentos tão complexos, como a consciência de que nossa orientação no tempo é uma atitude que se assenta sobre o conhecimento histórico que adquirimos ao longo da vida, confrontados, aprofundados e reorientados pelo conhecimento sistemático da História que a escola tem a primazia de ofertar.

Essa pesquisa confirma o que a proposta da Educação Histórica traz como contributo para essa área: os estudantes aprendem mais quando são desafiados a isso, quando sentem-se participantes da construção e reconstrução conhecimento e são levados a questionarem as narrativas que ouvem de forma crítica, evitando a passividade ante qualquer conteúdo substantivo que lhes for apresentado. Ao promover a interação dos jovens com os conteúdos históricos representados pelos objetos, documentos, fotos e depoimentos presentes no “túnel do tempo”, criou-se a possibilidade de contextualização entre presente e passado, conferindo legitimidade ao passado, de forma que os jovens pudessem relacionar a história local a uma aprendizagem muito mais significativa para suas vidas.

CONCLUSÃO

Confirmamos o que a proposta da Educação Histórica traz como contributo para o ensino de história: os estudantes aprendem mais quando são desafiados a isso, quando se sentem participantes da construção e reconstrução do conhecimento e são levados a questionarem as narrativas que ouvem de forma crítica, evitando a passividade ante qualquer conteúdo substantivo que lhes for apresentado. Ou seja: os jovens reagem positivamente quando são provocados a pensar historicamente.

Ainda assim, é possível observar que o desenvolvimento do pensamento histórico desses jovens está aquém da capacidade cognitiva que possuem. A relação que constroem entre as memórias resgatadas de seus antepassados e as evidências históricas analisadas, demonstra certa irrelevância ao não ser tratada como reconstrução do conhecimento ou elaboração de um outro ponto de vista para a história local, vez que a história factual sempre repetida impede o protagonismo juvenil que deveria emergir de um pensamento histórico plenamente desenvolvido.

Os conteúdos substantivos que estudaram, resultaram numa conformação em relação ao passado, não valendo à pena, portanto, investir em estudos para ressignificá-lo, mesmo diante de evidências pouco pesquisadas. Constatamos isto, ao pedir que as equipes

IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E III SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA

EDUCAÇÃO E MULTICULTURALIDADE: SABERES E SENTIDOS



comparassem os relatos dos moradores mais antigos, os objetos utilizados como fontes históricas com a história contada pelos registros oficiais mantidos pela prefeitura e reproduzida nas escolas.

Deduzimos que esses alunos estudaram história quase sempre através de métodos verbalistas, centrados no professor e extremamente aceitos ainda hoje, que resultam no não estranhamento frente a diferentes fontes que lhes são apresentadas, e, conseqüentemente numa aprendizagem acrítica que pouco contribui para desenvolvimento de sua consciência histórica.

REFERÊNCIAS

BARCA, Isabel. **Educação histórica:** uma nova área de investigação. Revista da Faculdade de Letras. História. Porto. III série, vol. 2, 2001, p. 013-021.

CAIMI, Flávia Eloisa; OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira de. **Os jovens e a aula de história:** entre tensões, expectativas e possibilidades. Revista Educação em Questão, Natal, v.44, n.30, p.88-109, set/dez 2012.

LEE, Peter. **Em direção a um conceito de:** Literacia Histórica – Educar em revista, Ed. UFPR, Curitiba, nº (especial). pp. 131-150. 2006.

RÜSEN, Jörn. **Teoria da história:** uma teoria da história como ciência. Tradução de Estevão C. de Rezende Martins. Curitiba: Editora UFPR, 2015.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene. **Ensinar história.** São Paulo. Spicione, 2 ed. 2009.